



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A CARTILHA “INCLUSÃO GEOGRAFICA”: UMA FERRAMENTA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA COMUNIDADE CEGA

Lucas Gabriel da Silva; Ellano Jonh da Silva Matias; Paulo Igor de Melo Albuquerque.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, lucas.g.silva@hotmail.com.br ; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, jonh.matias2@hotmail.com ; Universidade do estado do Rio Grande do Norte, ppauloigorr@gmail.com

RESUMO: Este trabalho compreende a construção de uma cartilha voltada para o ensino de geografia no tocante aos deficientes visuais e baixa visão, tendo em vista a grande escassez de atividades que aliam conceitos e conteúdos desta disciplina nas suas duas áreas de atuação a prática, almejando o melhoramento do aprendizado dos alunos. Em relação, à metodologia empregaram-se estudos teóricos em relação ao tema inclusão social do ensino de geografia, como também visita *in loco* a centros de apoio, e por fim a confecção de uma cartilha contendo atividades prática de caráter lúdico tendo como público alvo alunos da comunidade cega ou baixa visão, contendo diversos conteúdos de geografia. Tendo como objetivos facilitar o ensino aprendizado de alunos cegos ou com baixa visão, auxiliar o professor na construção de matérias didático e pedagógico para os alunos com deficiência visual ou de baixa visão. No bojo de seus resultados, elenca-se a discursão sobre inclusão por meio do ensino, sobretudo o de geografia, como também a construção da cartilha “Inclusão Geográfica”.

PALAVRAS CHAVE: Inclusão, Ensino, Geografia, Cartilha, Confecção.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade demonstra a elaboração e importância do uso da cartilha didática para o ensino de geografia direcionada para alunos da comunidade cega e com baixa visão. Essa ferramenta para o ensino e aprendizagem do aluno tem um papel importante para os professores de geografia que não possuem experiências com atividades práticas voltadas pra o ensino da geografia através de experimentos elaborados ou adaptados pelos membros do grupo.

Empregamos como metodologia, visita *in loco* ao Centro de Apoio a Deficientes Visuais - CADV e junto ao DAIN - Diretoria de Apoio à Inclusão, para uma melhor compreensão sobre a realidade vivenciada pelos alunos e por pessoas envolvidas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

no ensino aprendido dos estudantes, como também pesquisa bibliográfica em artigos, livros de ensino, dissertações e materiais de apoio elaborado por órgãos competentes.

O artigo estar exposto conseqüente: O ensino de geografia para a comunidade cega: desafio a vista, nessa parte do trabalho apresentamos discursão teórica sobre os desafios que são encontrados pelos professores para trabalha com os alunos pertencentes à comunidade cega em principal o ensino de geografia. Em seguida, apresentamos os objetivos e metodologia da cartilha elaborada pelo grupo que chamamos de “Inclusão Geográfica: atividades práticas para o ensino de Geografia” sendo a mesma direcionada para professores de geografia tanto do ensino médio como do ensino fundamental com algumas atividades voltadas para conteúdos essenciais no ensino e aprendizado do aluno, por ultimo a discursão da importância do uso da cartilha como ferramenta de auxilio ao professor, esse protagonista que às vezes não possui um grau de instrução de como se deve trabalhar com o aluno pertencente à comunidade cega ou baixa visão.

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A COMUNIDADE CEGA: DESAFIOS À VISTA.

Ensinar geografia é uma das possibilidades que a educação tem atualmente para a formação do cidadão critico-reflexivo, tendo em vista que esta disciplina permite ao aluno um entendimento do espaço em suas distintas formas, e conseqüentemente tornando o próprio aluno capaz de analisar o seu espaço em diferentes óticas, assim sendo um objetivo primordial desta disciplina é oferecer aos alunos uma aprendizagem imprescindível para a compreensão do mundo que o rodeia, portanto estudar o espaço é compreender, sobretudo as diferentes formas e relações que se estabelece na sua dinâmica, como bem nos fala, Castrogiovanni (2000) o ensino de geografia deve preocupar-se com o espaço e suas multidimensões, o espaço é tudo e de todos, da forma social a apropriação da natureza. De tal modo, o ensino de geografia torna-se um fator



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

indispensável para o conhecimento de mundo e primordial para a construção e desenvolvimento da formação educacional crítica-reflexiva e inclusiva.

É a partir da importância em estudar geografia que iniciamos a discussão deste importante ensino voltado para alunos com deficiência visual e baixa visão, é notória que a educação empregada no Brasil, infelizmente, sempre teve uma característica separatista, e de exclusão dentro da própria inclusão, tendo em vista as reais dificuldades enfrentadas pelos professores como também escola em geral, esta característica pode ser muito bem entendida quando Pedro e Calvente (2011, p. 155), diz que:

Antigamente, as pessoas com deficiência eram segregadas e não tinham o direito ao acesso à educação básica nas escolas regulares. Contudo, com o passar dos anos e, especialmente, com a implantação de políticas e diretrizes que versam sobre a inclusão dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais – como os deficientes visuais nas escolas regulares da educação básica – esse quadro de discriminação diminuiu quanto ao acesso à educação formal, uma vez que aumentou o número de alunos matriculados no ensino regular.

Podemos perceber a partir da citação acima que este processo de inclusão e socialização educacional de alunos portadores de deficiência, em especial os visuais é relativamente um procedimento novo, é muito importante tanto para a própria educação, como para os próprios alunos, visto que ao se integrar nas salas de aulas estes alunos podem mudar o modo de como se é visto o ensino para com os deficientes, na qual sabemos que não é por uma pessoa esta impossibilitada por alguma razão sendo congênita ou física, que esteja incapacitada de aprender, é extremamente contrario aos alunos com deficiência a exemplo o visual podem perfeitamente aprender dentro de suas limitações sem perda da qualidade do ensino, salientando a importância deste processo de inclusão, em especial aos alunos deficientes visuais, Pedro e Calvente (2011, p. 157) traz novamente uma discussão a cerca de sua importância:

O processo de inclusão dos alunos deficientes visuais em classes comuns é muito importante, tanto para os alunos deficientes visuais, quanto para os demais alunos, já que é pela interação entre os alunos deficientes e os que não apresentam nenhum tipo de limitação que poderá ser minimizado o preconceito e a discriminação para com esta parcela da população, o que levaria ao avanço da caminhada rumo a uma sociedade mais inclusiva e justa.



Diante do exposto pelos autores fica clara a importância, desta inclusão, mas pela capacidade de transformação social que se ocorre dentro da sala de aula entre os alunos, sendo este portador ou não de deficiência, na geografia este processo citado, dar-se por meio da compreensão do espaço geográfico, o objeto primordial de estudo desta disciplina, assim sendo a geografia que se estuda nas carteiras das escolas deve-se antes de tudo tornar possível que o aluno perceba sua participação no próprio espaço em que estuda isso para um aluno deficiente visual vai muito além do simples fato da compreensão, pois para eles o mais significativo esta na apropriação do espaço, conforme Chaves (2010, p. 35) retrata:

A apropriação do espaço geográfico por pessoas com cegueira é tão ou mais importante que para aqueles que enxergam, pois, a compreensão do espaço pelo cego lhe concede autonomia. Contudo, a observação do espaço geográfico por estudantes cegos não se dá pela visão, como acontece comumente por estudantes que enxergam. Nós que enxergamos reconhecemos a realidade pela identificação visual de signos, enquanto que o cego ao analisar um espaço qualquer elabora em sua mente uma sequência linear de informações que o permite compreender o que está sendo explorado.

Como bem explora o autor, o ensino geográfico voltado para deficientes visuais, é extremamente importante tendo em vista que, além de erradicar o preconceito existente, traz uma maior autonomia para o aluno e conseqüentemente, a realização simbólica da compreensão do espaço geográfico, concretizando um ensino de geografia inclusivo e independente. Entretanto, é preciso tomar cautela na realização deste processo para que não haja o abuso de atividades, pois poderá causar desgaste no significado das informações aos alunos. É a partir desta cautela que vemos os desafios, e não são poucos, mas, são possíveis de serem desenraizados. Na geografia, um dos principais desafios encontrados é a dificuldade de transpor a realidade para a própria realidade dos alunos, e esta ainda tendo que ser decifrada, lida ou imaginada por suas mãos ou ouvidos. Nesta expectativa de um ensino inclusivo de deficientes visuais, Santos e Nunes (2009, p. 02) nos remete ao grande desavio: “a questão da inclusão de alunos com deficiência, seja esta qual for, é um desafio, que, sobretudo não deve ficar



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

somente no campo das ideias ou opiniões, mas sim efetivamente praticado.” É realmente essa a questão que os autores dizem não se deve ficar somente no papel, deve-se ser aplicada seja qual ela for à ideia, o método, que tenha como objetivo o melhoramento das atividades geográficas para alunos portadores de deficiência visual ou baixa visão, é claro que as respostas destas ideias só viram dos próprios alunos, pois somente ele poderá dar o retorno de uma atividade.

Ainda tendo em vistas desafios, sobretudo na geografia para com um ensino didático quem tem nas pontas dos dedos os seus olhos, e nos ouvidos sua imaginação de mundo, a utilização de matérias didáticas especializados, construídas ou adaptadas para alunos cegos ou de baixa visão auxilia na assimilação dos conteúdos, tornando o aprendizado mais concreto, e deixando de ser a exploração do conteúdo pelo conteúdo o que nem sempre é o correto, e essencial para alunos deficientes neste caso o visual, porém é válido salientar que devido à escassez da formação continuada que se prega no sistema educacional do Brasil, essas atividades, ou métodos que tendem a facilitar o ensino inclusivo, barra-se mais uma vez em um desafio, sendo ela a capacitação dos profissionais de educação, não somente o professor de geografia ou de outras disciplinas mais todos os profissionais, terem sua habilitação no atendimento a esses alunos, onde deviam-se haver um maior fortalecimento de vínculo entre os centros de atendimento especializados e as escolas, entre os próprios pais e escola, e sobretudo a criação de cursos de aperfeiçoamentos em educação inclusiva para os professores da rede básica de ensino, em linhas gerais o ensino de modo geral teria esses reptos como principais, entretanto cada disciplina tem sua particularidade, e competências, na geografia pode-se observar muito bem, essa perspectiva inclusiva em Faé (2009, p. 01):

Os desafios do aprendizado do conhecimento geográfico estão na compreensão do lugar, do espaço total através das experiências locais e ampliando para o conhecimento global, numa inter-relação contínua. Refletir sobre o ensino e a aprendizagem da Geografia são pensar nos educandos, nos objetivos, nos conteúdos geográficos, nas metodologias e nos recursos dispostos nas escolas para todos os alunos. É prioridade saber quem são esses alunos, qual é o ritmo de aprendizagem, saber sobre suas experiências, quais os saberes significativos que possuem, qual é a melhor forma de aprender. A inserção dos alunos com deficiência visual pressupõe a reorganização de algumas ações e metodologias que possibilitem a aprendizagem do ensino de



Geografia. Alguns gêneros textuais, as figuras, os gráficos, os mapas, tabelas constituem-se de imagens visuais complexos.

Como bem fala a autora, pensar o ensino de geografia é pensar em outra forma de representar a condição em que estamos dentro da sociedade, em uma nova perspectiva para a fundamentação deste ensino, inclusive tendo noção que o ensino da geografia necessita de uma adequação de seus conteúdos nos seus diversos níveis de apresentação e representação. Compreendemos o relato que a inclusão, por meio da geografia como porta de entrada só realmente se concretiza se houver um comprometimento de todos, professores, alunos, gestão escolar, pais ambos formando um ciclo que tem o seu início pela inclusão e um bem estar na aprendizagem, para realmente essa perspectiva de ensino se efetivar é necessário quebrarmos o maior desafio que é reconhecer os alunos portadores deficiências, não somente o visual, mas ambos, em suas praticidades, singularidades e limitações, somente assim possam fazer realmente um ensino inclusivo além da geografia.

3. OBJETIVOS E METODOLOGIA DA CARTILHA DE INCLUSÃO GEOGRÁFICA

3.1. OBJETIVO GERAL

- ✓ Que todos os educadores possuam informações sobre maneiras práticas educativas do ensino de geografia para facilitar o ensino/aprendizado para os alunos cegos ou com baixa visão, através de atividades práticas voltadas para a Geografia Física e Humana.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Confeccionar uma cartilha com atividades práticas sobre diversos temas da geografia humana e física para a utilização do corpo discente na perspectiva de deficientes visuais ou baixas visões.
- ✓ Facilitar o ensino aprendido com alunos cegos ou com baixa visão.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- ✓ Auxiliar o professor na construção de matérias didático pedagógico para os alunos com deficiência visual ou de baixa visão.
- ✓ Trabalhar conceitos básicos e importantes da geografia através de atividades práticas, podendo ser mais bem aproveitada e melhorando o ensino-aprendizado do aluno.

3.3. METODOLOGIA

A referida cartilha surgiu através de uma indagação sobre o ensino para os alunos da comunidade cegos na disciplina de geografia, através de um relato de uma colega de curso, que expôs alguns problemas enfrentados na compreensão dos conceitos importantes da geografia. Dessa forma procuramos compreender melhor sobre a comunidade cega, sendo assim procuramos o CADV (Centro de Apoio a Deficientes Visuais), como também o DAIN (Diretoria de Apoio à Inclusão) para compreender um pouco a realidade e as dificuldades encontradas por esses alunos. Além disso, procuramos material bibliográfico, sites e artigos para melhor concepção do tema e elaboração da cartilha educativa. Em seguida nos reunimos e cada membro do grupo ficou responsável de elaborar ou adaptar cinco atividades de Geografia (Humana e Física) sobre os principais conceitos ou conteúdos trabalhados na disciplina no ensino básico, depois de selecionar as atividades dividimos as atividades em nome da atividade, material utilizado, objetivos, passo a passo ou procedimentos e considerações ou resultados que desejar alcançar, para melhor compreensão do professor que irá utilizar essa ferramenta de ensino com alunos que pertencem à comunidade cega.

Após essa organização, juntamos todas as atividades e partimos para confeccionar a cartilha com o título que se chama “Inclusão Geográfica”. Com a finalidade de auxiliar o professor da rede básica a fim de trabalhar alguma atividade prática nas aulas de geografia, com alunos cegos, objetivando a melhor compreensão do aluno para com a disciplina. Mas afinal, qual a importância da cartilha educativa para a formação e ensino aprendido do aluno?



4. A IMPORTÂNCIA DA CARTILHA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA FERRAMENTA FUNDAMENTAL PARA O AUXÍLIO DO PROFESSOR.

A Cartilha é uma ferramenta importante e fundamental para explicar alguns assuntos, usada também para informações rápidas, ela foi inicialmente usada para alfabetizar as crianças, cheias de desenhos e cores, a cartilha ensinava palavras simples como: Bola, Casa, Pato, hoje em dia nos deparamos ela em alguns lugares, a cartilha é muito usada em algumas prefeituras, para incentivar algum movimento ou falar até mesmo de informações da cidade.

Essa forma de ensinar ou de mostrar ideias vem até hoje em dia, as cartilhas são presentes em farmácias, bancos, contendo informações necessárias de um determinado local, ou até mesmo para os professores. Tendo em vista que essas informações de fácil acesso, ou seja, de fácil entendimento para seus leitores possam auxiliar na forma / ação que os demais indivíduos vão tomar, de acordo com a cartilha, e o que está escrita nela, para que assim estes mesmos indivíduos saibam o que estão fazendo ou o que irão fazer. Ela é nada mais nada menos do que uma ferramenta importante para diversas áreas do cotidiano das pessoas, que facilita a compreensão de informações.

Para professores ela é de extrema importância, algumas contem o passo a passo de atividades e formas de serem aplicadas em sala de aula, a cartilha como a própria história fala, auxilia no processo de letramento das crianças, como o autor a seguir fala:

As cartilhas surgiram muito tempo antes das aulas de alfabetização nas escolas. Antigamente, as cartilhas serviam de subsídios para as pessoas aprenderem a ler (e a escrever) em casa. Eram feitas na forma de tabelas (taboas), com grupos de letras que a escrita usava para representar os diferentes padrões silábicos correspondentes à fala. (CAGLIARI, 2010, p.21)

A geografia pode aderir tranquilamente à cartilha, como uma ferramenta para o auxílio ao professor na sala de aula, pois se trata de uma matéria extremamente visual sendo de suma importância para facilitar o aprendizado dos alunos, acima de tudo os de geografia. No entanto, para a comunidade cega, a cartilha é bastante positiva, pois os professores podem usar de forma que facilitem a didática ou o passo a passo do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conteúdo, já que a cartilha foi desenvolvida para fazer parte como um dos livros da grade curricular dos alunos.

A elaboração da cartilha com fogo na comunidade cega é bastante enriquecedor no auxiliar ao professor, ela contém atividades práticas, falando do passo a passo de cada uma das atividades, os materiais que são usados, o objetivo de cada atividade que pretende alcançar com a aplicação. Dentro da cartilha compõe uma serie de atividades que aborda as áreas humana e física de geografia, usando materiais como massa de modelar até lixa de madeira ela contem uma série de experiências que podem ser feita em sala de aula para facilitar o entendimento, já que a geografia como os professores relatam, é uma matéria difícil de entender, pois é necessária que a visão do aluno seja a de poder observar a paisagem e as mudanças, tratando-se assim de uma matéria visual.

Para um cego quando se fala de algo relacionado à geografia humana é de difícil compreensão, pois ele escuta e imagina como é um assunto como a densidade populacional de um determinado local, pode ser exposto para eles de uma forma mais dinâmica do que só o professor lendo, com alguns palitos de churrascos, um pedaço de madeira e tampinhas de garrafa, pode ser feito um material tátil para facilitar o entendimento da densidade, que deixa de ser só teoria e passa a serem táteis, ou seja, os alunos cegos podem sentir além de ouvir, e entender um pouco mais sobre aquele determinado assunto.

Já a área da geografia física, que trata da forma, pode ser trabalhada de um jeito interessante para os alunos, com alguns tipos de grãos como areia, arroz, milho, representando os tipos dos solos, pode ser colado em um mapa de um determinado local, expondo os diversos tipos de solo daquela região. Tratando assim de um mapa tátil, onde o aluno ao fazer o reconhecimento tátil poderá sentir os grãos e distinguir os solos.

Segundo o Ministério da Educação, a partir da publicação de uma cartilha com o seguinte nome: Projeto Escola Viva, que tem como objetivo garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na escola, principalmente os alunos com necessidades educacionais especiais. Relatam que:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para alunos com baixa visão, ou para alunos cegos, será certamente necessário que o professor descreva verbal e minuciosamente as características de cada folha; pode também ser necessário favorecer com que eles manipulem folhas, mesmo que feitas em argila, de forma que possam perceber suas características. (MEC, 2000, p. 26)

Partindo desse princípio, os alunos cegos e de baixa visão, tem esse auxílio do professor, a cartilha que é elaborada exclusivamente para o auxílio do professor ensinar a geografia de forma mais didática, não vai contra esses dizeres do ministério e sim é apenas uma ferramenta que vem para auxiliar o processo de ensino.

A cartilha foi desenvolvida para ser aplicada nas atividades extracurricular e interdisciplinar que contemplem os conteúdos geográficos com temas das áreas físicas e humana, trabalhando assim a geografia como um todo, sendo uma ferramenta de auxílio dos professores, para repassar conteúdos de forma mais fácil com atividades praticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação inclusiva, na qual todos possam desfrutar do conhecimento é o que tentamos discutir por meio deste presente trabalho, expondo o imenso desafio que envolve o tripé escola-aluno-professor; apresentamos como resultado desta pesquisa questões que tem em vista a problemática do ensino inclusivo em especial aos alunos cegos e com baixa visão, pois foi partindo de uma situação real do cotidiano escolar que abrimos o leque desta tão importante variedade de ensino, a inclusão escolar.

O processo educativo de estudantes cegos ou com baixa visão ampara-se em muitos desafios, contudo torna-se extremamente necessário para a construção de uma educação cidadã na qual todos possam apreender com as diferenças, deixando de lado o preconceito e reconhecendo a todos com suas particularidades e limitações ambas possíveis de serem vencidas, é neste cenário que o ensino de geografia expõe sua relevância fazendo parte do desenvolvimento deste ensino inclusivo, tendo como objetivo o seu espaço geográfico trabalhado na ponta dos dedos.



É perceptível com o presente trabalho que as cartilhas de um modo geral, se apresentam como um método didático pedagógico desta do início da alfabetização, por terem uma metodologia simplificada, e de fácil entendimento estas se tornam uma ferramenta rica para o ensino não só de geografia ou da inclusão, mas de toda a educação, é por meio delas que objetivamos a real pretensão de sanar uma lacuna no ensino escolar, a criação e aplicação de atividades praticas voltada para a inclusão, aqui sendo a visual voltada para os conteúdos geográficos.

Desta forma a produção da cartilha “Inclusão Geográfica” é o que culmina a real pretensão deste trabalho, visto que sua confecção tem por proposito facilitar o ensino e aprendizado de alunos com deficiência visual, como também auxiliar o professor na construção de materiais didáticos pedagógicos.

Infelizmente, ainda é infirmo o uso de materiais didáticos voltados para a inclusão de alunos com deficiência, nas diferentes series da educação básica, no ensino de geografia este caráter inclusivo se faz extremante necessário para potencializar e enriquecer o desenvolvimento tanto da alfabetização cartográfica á formação do aluno critico reflexivo do seu espaço. É satisfatório que a presente pesquisa aliada a construção deste material didático-geográfico sirva de motivação e impulso para futuras pesquisas que possam objetivar o melhoramento tanto do ensino de geografia, como a construção de uma escola inclusiva que tenham a aprendizagem como a porta de entrada.

6. REFERENCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: SCIPIONE, 2010.

BRASIL, **Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC, 2000.

PEDRO, F.T; CALVENTE, M.D.M.H . **O Ensino de Geografia na Ponta dos Dedos**. *Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino*, Campo Mourão, Vol. 02, N° 01, 2011.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CHAVES, A. P.N. **Ensino de Geografia e a Cegueira:** diagnóstico da inclusão escolar na Grande Florianópolis. 2010. 158 F. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2010.

FAÉ, M. **O Ensino de Geografia na Perspectiva da Inserção dos Deficientes Visuais**
In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ENPEG, 2009. P. 1-12.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

SANTOS, J.R; NUNES, F.G **O Aluno com Deficiência Auditiva nas Aulas de Geografia:** alguns elementos para a reflexão sobre a inclusão In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: ENPEG, 2009. P. 1-19.